



GAZETA

Junho de 2012 - Nº 05 - Publicação do Departamento de Arqueologia e Antropologia da FLCS - UEM

Professora Doutora Solange Macamo, docente e pesquisadora no DAA/FLCS



“Um país que não dá valor à Arqueologia, ao seu passado, é como um indivíduo sem memória”

Pág. 13 a 17



Simpósio sobre antropologia visual

Com uma organização do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA) da Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) decorreu em Fevereiro do corrente ano um simpósio sob lema “o uso da imagem como ferramenta de pesquisa nas ciências sociais” que envolveu pesquisadores brasileiros e moçambicanos.

Pág. 4

Ficha Técnica



Gazeta

Propriedade do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Gazeta n° 05 - Junho de 2012
Campus Universitário Principal
Av. Julius Nyerere, n° 3453
Caixa Postal 257
Tel. +258 21410138
Website: <http://www.flcs.uem.mz>

Apoio

Programa Desafio/VLIR-Grupo "Género Saúde e Assuntos de Família-DAA/FLCS

Directora

Margarida Paulo
(margarida.paulo@uem.mz)

Conselho de Redação

Esmeralda Mariano
Hamilton Matsimbe
Kátia Filipe

Colaboradora

Lizete Manguenze

Revisão

José Pimentel Teixeira
Percida Langa

Composição

Nelton Gemo

Impressão

DesignerLab

Distribuição

DAA/FLCS

N° de Registo

DISP.REG/GABINFO-DEC/2009

Editorial

Cá estamos pela 5ª vez a tentar trazer ao caro leitor uma visão geral sobre o desempenho institucional e académico do Departamento de Arqueologia e Antropologia, nos últimos meses que separam esta edição da anterior.

Este número do Boletim informativo do DAA é marcado por algumas mudanças no Corpo Editorial da Gazeta. A saída de Elísio Jossias, para formação, e de Décio Muianga, por imperativos pessoais, marca a entrada de novos membros, nomeadamente Kátia Filipe e Hamilton Matsimbe. São mudanças que se esperam que mantenham a mesma dinâmica na elaboração deste e dos próximos números, sempre cientes do nosso papel primordial, que é o de informar.

O número 5 da Gazeta cuja capa é-nos prestigiada pela Prof. Dra. Solange Laura Macamo, arqueóloga, museóloga e Directora Nacional do Património Cultural, sobre quem também recaiu o espaço dedicado à entrevista, traz-nos vários dados interessantes, que espelham o desempenho individual e colectivo dos docentes afectos ao DAA. São aqui trazidos resumos de comunicações diversas apresentadas em Seminários e Conferências, versando sobre temáticas variadas. O grande destaque, naturalmente, é para os resumos das Comunicações apresentadas no contexto do Ciclo de Seminários do DAA, evento que se tem mostrado cada vez mais incontornável no meio académico da própria Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS), da Universidade Eduardo Mondlane no geral e de outras instituições.

Outros assuntos como o que ficou conhecido como o Retiro dos Docentes do DAA, que permitiu uma maior e melhor socialização entre os mesmos, fora do meio académico e da instituição, e algumas notas informativas sobre alguns dos projectos de pesquisa nos quais o DAA está envolvido, são outros dos temas que complementam a informação que nos apraz trazer-vos nesta edição da Gazeta.

Chegados aqui e cientes da nossa cada vez mais acrescida responsabilidade, almejamos que o caro (a) leitor (a), possa uma vez mais, desfrutar de uma prazerosa e didáctica leitura, que o faça desde já ansiar pelo nosso próximo número.

Reiteramos o nosso apelo para quaisquer que sejam os contributos e sugestões cujo fito seja a melhoria da nossa prestação.

Muito Obrigada!!!

Kátia Claudina Filipe

Gruta de Daimane

É uma gruta localizada no Posto Administrativo de Chagalane, província de Maputo. Entre Julho e Setembro de 2011 uma equipa de arqueólogos esteve envolvida num trabalho de pesquisa. Nessa gruta foi possível, pela primeira vez, identificar fortes indicações da presença de pinturas. Concluiu-se que se não forem acauteladas algumas medidas de salvaguarda e conservação do local (que não são as melhores), as pinturas podem desaparecer. O local serve de abrigo de animais para além de albergar pastores de gado bovino e caprino que recorrentemente usam as paredes para se livrar de carraças.



Gruta de Daimane, alguns compartimentos da gruta. Fotografia tirada por Hamilton Mastimbe, Agosto de 2011



Túnel que acede ao topo da gruta. Fotografia tirada por Hamilton Matsimbe, Agosto de 2011

Apresentação do Plano de Gestão e Conservação da Ilha de Moçambique

A secção de Arqueologia do DAA participou na apresentação pública do *Plano de Gestão e Conservação da Ilha de Moçambique*. O evento foi organizado pela Direcção Nacional do Património Cultural (DNPC) do Ministério da Cultura (MC) e teve lugar em Dezembro de 2011 na Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico (FAPF) da UEM. O Plano foi apresentado

pelo Dr. **Albino Jopela**, arqueólogo, que integrou a equipe técnica para a elaboração do documento, tendo sido igualmente o principal redactor do mesmo. O Plano foi financiado pelo MC através do Programa ÁFRICA 2009, pelo Fundo para o Património Mundial Africano (AWHF) e pelo Centro do Património Mundial da UNESCO. A importância deste

Retiro do DAA em Malhampsene

No dia 28 de Outubro de 2011 o corpo docente do Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA) esteve reunido numa sessão denominada "*Retiro em Malhampsene*", na Matola, província de Maputo. O encontro, entre outros aspectos, visou reflectir sobre questões relativas ao funcionamento do DAA, discutir a sua estrutura orgânica, apresentar os Regulamentos, debater o ajustamento dos currículos de Antropologia e Arqueologia à luz das reformas em curso na Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e a apresentação do currículo do futuro mestrado em Antropologia, coordenado pelo Dr. Alexandre Mate em colaboração com a Dra. Sandra Manuel e o Dr. Emídio Gune.

A sessão de abertura foi realizada pelo chefe do DAA, Dr. Alexandre Mate, tendo de seguida sido lida a acta da última reunião, pelo Dr. Elísio Jossias.

Como forma de dinamizar as actividades do DAA foram criadas comissões de trabalho para áreas de património, finanças, secretaria, pesquisa e extensão, divulgação e Biblioteca, cooperação e seminários académica e pedagógica para os níveis de graduação e mestrado. No mesmo encontro ficou clarificado que a criação das comissões não anula a estrutura central já existente ao nível da Faculdade de Letras e Ciências Sociais.

Plano justifica-se, não apenas como resposta às exigências do Comité do Património Mundial da UNESCO, mas sobretudo pelo valor cultural e natural da Ilha de Moçambique como um sítio arqueológico e conjunto urbano sujeito a pressões devido aos diferentes projectos de desenvolvimento.

Simpósio sobre antropologia visual

Com uma organização do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA) da Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) decorreu em Fevereiro do corrente ano um simpósio sob lema "o uso da imagem como ferramenta de pesquisa nas ciências sociais" que envolveu pesquisadores brasileiros e moçambicanos.

O simpósio de um dia contou na sessão de abertura com uma apresentação de Milton Guran intitulada "Agudás: Os Brasileiros no Benim" e exibição de três filmes, dois realizados em Moçambique por Isabel Noronha que retratam questões relacionadas com as crianças órfãs de pais vítima de HIV-SIDA e um realizado pelo brasileiro Lula Buarque de Hollanda.

Recorrendo as imagens, Milton Guran, na sua apresentação explicou que a manifestação da cultura brasileira no Benim tem ligação com tráfico de escravos entre a África Ocidental e o Brasil que movimentou pessoas a partir do antigo reino do Daomé que, depois da revolta de escravos na Baía em 1935 foram deportados ao Benim.

Palestra sobre Henri Junod

Organizada pelo Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA) da Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) em articulação com o Centro Henri Junod de Ricatla, a palestra foi apresentada pelo Dr. Severino Nguenha.

O Prof. Doutor Severino Nguenha falou da importância antropológica e religiosa de Henri Junod na esteira da missão Suíça em Moçambique. Para além desta apresentação foi exibido o filme - documentário "Henri Junod" de Camilo de Sousa, que também esteve presente para partilhar o conhecimento que adquiriu sobre Junod assim



SIMPÓSIO
de Antropologia Visual

O uso da imagem como ferramenta de pesquisa nas Ciências Sociais

29 Fevereiro 2012

9h00 - CONFERENCIA DE ABERTURA

AGUDÁS: os "brasileiros" no Benim

Milton Guran (Bra)
Docente em Antropologia
Estado dos Novos Estudos em Ciências Sociais - França

14h00 - VIDEO DEBATE

A Mão dos Netos
Isabel Noronha, Moçambique, 2008, 11'

Delfina
Isabel Noronha, Moçambique, 2008, 23'

Pierre Fatumbi Verger - Mensageiro entre dois mundos
Lula Buarque de Hollanda, Brasil, 82'

VLJA
UNIVERSIDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
Desafio
AMFITEATRO 1502
FLCS - UEM
campus principal

Isabel Noronha sustentou que os dois filmes que trouxe à exibição levantam questões para os cientistas sociais reflectirem sobre um novo fenómeno relacionado com a nova dinâmicas de construção famílias, em que crianças órfãs e menores de idade são chefes de família alargadas.

Quer a apresentação de Milton Guran e os três filmes foram todos

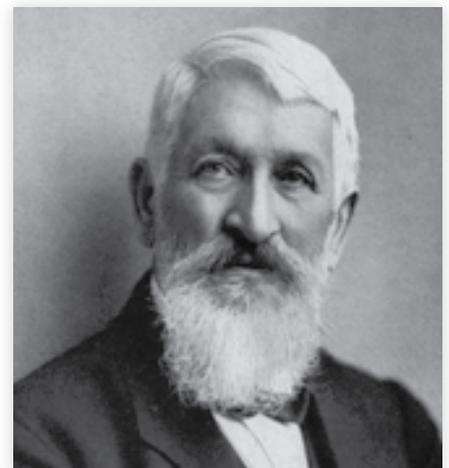
sujeitos a um caloroso debate entre os participantes, o que serviu de momento para trocar ideias sobre os assuntos retratados.

A coordenação deste evento esteve a cargo da Dr^a. Esmeralda Mariano e dr. Miguel Prista, no âmbito das actividades do grupo "Género, Saúde e Assuntos de Família (P3) do Programa Desafio".

como a experiência que obteve durante a produção do filme.

Camilo de Sousa fez uma pequena introdução antes da exibição do filme e participou no debate com docentes e estudantes que aí estiveram presentes.

Henri Junod missionário protestante e antropólogo suíço que trabalhou na província de Maputo entre os anos 1889-1895 e 1907-192, destacou-se pelos seus trabalhos etnográficos sobre os povos Tsongas da África Austral que se encontram resumidos na sua obra "Usos e Costumes dos Bantu".



Henri Alexandre Junod

Code of conduct for visitors at archaeological sites

Autor: Albino Jopela (DAA/FLCS/UEM), 2010

Fonte: The Digging Stick 27 (3): 15

O artigo propõe um código de conduta para visitantes de sítios arqueológicos. O principal objectivo é contribuir para a disseminação de alguns procedimentos básicos que ajudam na preservação de sítios arqueológicos. Os sítios arqueológicos constituem o registo básico das actividades das sociedades humanas do passado, podendo incluir artefactos (objectos de cerâmica, instrumentos líticos, missangas), locais com arte rupestre, naufrágios ou restos de homínidos. Cada sítio arqueológico constitui um

bem único e insubstituível. Por isso, a degradação ou o desaparecimento de qualquer sítio arqueológico é uma perda para a humanidade como um todo.

Partindo do pressuposto que a protecção de sítios arqueológicos não pode basear-se somente na aplicação de procedimentos técnico-administrativo (legislação patrimonial), o artigo realça papel que o público em geral deve desempenhar na preservação destes sítios. De facto, em muitas partes do mundo a sobrevivência de

sítios do património arqueológico depende, em parte, do comportamento dos visitantes. A protecção e uma gestão adequada dos sítios arqueológicos é essencial para permitir que os arqueólogos e outros estudiosos possam estudar e interpretá-los em nome e por conta do benefício das gerações presentes e futuras. Os visitantes de sítios arqueológicos devem observar certas regras e procedimentos que são apresentados no artigo.

Paisagens Culturais da Tradição Zimbabwe em Moçambique

Autor: Solange Laura Macamo (DAA/FLCS/UEM)

Introdução

Em Moçambique existem paisagens culturais da Tradição Zimbabwe, localizadas em regiões muito específicas e que se manifestam, principalmente, através dos amuralhados esplêndidos de pedra, sem uso da argamassa. Estes amuralhados circundavam as casas de habitação de palha e *dhaka* onde vivia a elite dirigente, como forma de ostentação de poder, entre os séculos XI e XIX AD. O ambiente natural dos amuralhados associava-se a manifestações culturais, arquitectonicamente definidas como *Madzimbabwe* ou seja, construção em pedra, em que alguns africanos eram mestres. Com estes amuralhados associa-se uma olaria fragmentada de forma geométrica, queimada ou grafitada, que define, genericamente, a Tradição Zimbabwe.

No geral, a presença de um maior ou menor número de amuralhados

em cada lugar, dependia da abundância e qualidade do material de construção, como acontece no planalto do Zimbabwe. No qual a rocha é mais fácil de ser trabalhada e de com ela serem feitos blocos de tamanho regular, o que permitiu erguer muralhas com uma altura considerável, como testemunha o Grande Zimbabwe, o maior amuralhado localizado na República do Zimbabwe, onde o Grande Amuralhado tinha 11 metros de altura.

As paisagens culturais da Tradição Zimbabwe em Moçambique são caracterizadas pela variação do material de construção, englobando o calcário (em Manyikeni), o xisto (em Niamara) e o granito (no Songo), nas províncias de Inhambane, Manica e Tete, respectivamente.

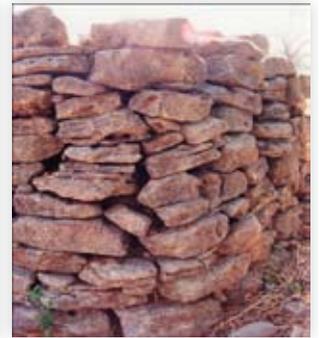
Outras características de distinção das paisagens culturais da Tradição

Zimbabwe em Moçambique foram actualizadas por Macamo (2006), como sendo:

- Preferência pelas zonas perto dos vales dos rios, pois uma das suas bases económicas é a criação do gado e a agricultura; - Paisagens com vistas extensas;
- Localização dos amuralhados em posições elevadas, preferencialmente, em cima de montes;
- Facilidades de comunicação para a prática do comércio regional e a longa distância (evidenciado por missangas, louça vidrada, porcelana, etc).

Manyikeni

O amuralhado de Manyikeni que se localiza no distrito de Vilankulo, na província de Inhambane, é o único conhecido, numa planície costeira



Imagens do amuralhado de Manyikeni

(Sinclair 1987), usando como recurso geológico para a sua construção o calcário. Este amuralhado tem uma forma elíptica, com cerca de 50 m de largura e 65 de comprimento. Originalmente, as paredes tinham cerca de 1.50 m de altura, possuindo três entradas, uma das quais é redonda (Garlake 1976; Morais & Sinclair 1980). O amuralhado tem seis divisórias, também conhecidas por muralhas radiais (Pikirayi *comunicação pessoal*, 1996), semelhantes às encontradas no Songo, em forma de vestígios desintegrados.

A paisagem natural de Manyikeni consiste na vegetação de savana coberta de miombo com árvores de embondeiro. Em Manyikeni existe também uma paisagem construída, *Cenchrusciliaris*, que foi introduzida com o gado do Zimbábue ou Botswana, onde esta erva é comum (Berger 2004). Desde o início do II milénio AD, a prática de pastorícia ganhou importância, particularmente, no Vale do Limpopo e a acumulação de riqueza baseada num número cada vez mais crescente de cabeças de gado permitiu à elite dirigente construir amuralhados. Foi neste contexto que também surgiu Manyikeni, que se posicionou perto do Índico, o que favoreceu também a prática da actividade comercial, ligando o interior com a costa.

A criação de gado, em combinação com a caça praticada pela população de Manyikeni foi importante para o crescimento económico que, em 1450 AD, possibilitou a construção do amuralhado, como símbolo de poder. À

volta de Manyikeni, numa área com um raio de 15 km há 15 depressões de terreno. Numa distância de 60km a ocidente a água é pouca ou quase não existe, só voltando a ser encontrada em Mabote. Tal como agora, no passado, entre Manyikeni e o rio mais próximo, o Govuro, a água do subsolo era bastante limitada. Contudo, os solos na estação de Manyikeni são avermelhados, altamente permeáveis e relativamente férteis para agricultura. Outras estratégias de sobrevivência da população de Manyikeni incluíam a colecta de plantas não domesticadas e um elaborado sistema social de circulação de produtos, em casos de desastres naturais (Duarte 1993).

Niamara

O amuralhado de Niamara localiza-se no distrito de Bárue, na província de Manica, perto da divisória das águas entre as áreas de drenagem dos Rios Púngue e Zambeze. Esta posição difere de outros amuralhados, uma vez que a distância é considerável, tanto em relação à um grande rio, o Rio Zambeze, como à zona costeira. O rio Nhangangara é o maior da serra Choa, onde se posicionou o amuralhado de Niamara. Tem água permanente e quedas de água, o que torna o meio ambiente um lugar naturalmente privilegiado, como parte de uma paisagem cultural de grande beleza que, juntamente com o amuralhado, pode ser explorada para a prática de turismo cultural.

A existência de xisto que contrasta com a dureza do granito, possibilitou

que a construção do amuralhado em Niamara fosse de um estilo um pouco diferente do comum. A *dkaka* pode ter sido usada para cimentar as paredes do amuralhado e as próprias casas onde vivia a elite dirigente eram também feitas de pedra, ao contrário da habitual estaca da Tradição Zimbábue. A complexidade das construções em Niamara, citadas por Wieschhoff (1941), desafiam qualquer descrição, tendo-as designado de "castelo".



Amuralhado de Niamara

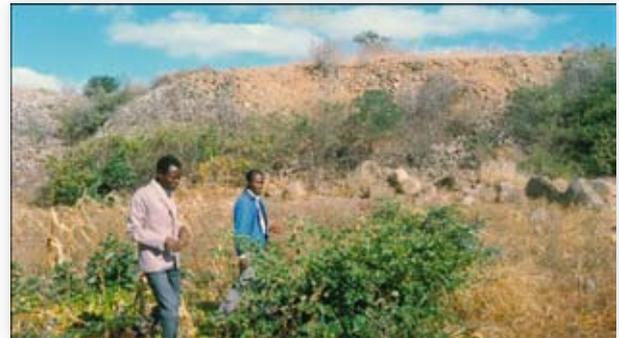
Niamara era, provavelmente, uma pequena cidade com cerca de 30 casas, 9 ou 0 das quais estavam localizadas dentro do principal amuralhado (Wieschhoff citado por Oliveira 1973, p. 49).

O amuralhado de Niamara divide-se em duas partes: (a) a parte elevada do norte com construções complexas (castelo) (b) a parte baixa do sul, onde foram encontradas várias fundações de casas de *dhaka* (Wieschhoff 1941, p. 39). Pelo menos seis monólitos foram encontrados na parte norte do amuralhado, similares ao Grande Zimbábue.

Os dirigentes de Niamara viveram



Songo



no amuralhado no século XV AD, no alto do monte, deixando o vale para as populações, onde as mulheres tinham poder económico que lhes permitia o controle de cereais, conforme atesta o amuralhado de Magure.

Songo

A plataforma do Songo, no distrito de Cahora Bassa, na província de Tete, foi construída numa posição central do planalto, sendo rodeada de montanhas, o que contribuiu para a formação de uma paisagem cultural peculiar. A área drenada pelo Rio Zambeze, onde o Songo se situa, oferece valiosas possibilidades de mineração, especialmente de carvão, ferro, prata e ouro. Este lugar privilegiado atraiu a ocupação humana desde a Idade da Pedra Superior em diante. A predominância de granito na área constituiu, certamente, um incentivo para a construção do amuralhado do Songo, no século XVIII AD.

A plataforma foi construída de pedras sobrepostas de forma elíptica, medindo 51-2 m norte-sul e 70-45m este-oeste, por cima das quais tinham sido erguidas as casas de habitação de estaca e *dhaka*, pertencentes à elite dominante. Hoje ainda são visíveis vestígios de quatro soalhos destas habitações.

A sudeste, há seis pedregulhos que circundam a plataforma, dando a ideia da continuação da construção. Como em Manyikeni, no Songo há divisórias em forma de muralhas radiais, onde foram encontrados quatro soalhos de

casas de *dhaka*.

A norte ainda é visível uma escada de 20.6m de comprimento e 7,6m de largura com pelo menos dois degraus preservados no lado de cima.

Numa distância entre 500 a 800 metros para o nordeste do amuralhado, há vestígios de vegetação verdejante o que atesta que, outrora, terá havido no local uma fonte de água. Os habitantes de Songo dessa época teriam escolhido um lugar privilegiado, dadas as condições apropriadas do lugar para a actividade agrícola e uma fixação permanente.

Conclusão

O comprimento do amuralhado de Niamara é de cerca de 130 m, isto é, mais do dobro de Manyikeni e Songo.

Referências

- Berger, A. 2004. Food resources at Chibuenne and Manyikeni: two archaeological sites in southern Mozambique. In *Combining the Past and the Present: archaeological perspectives on society: proceedings from the conference 'Prehistory in a global perspective' held in Bergen, August 31st-September 2nd 2001, in honour of Professor Randi Haaland's 60th anniversary*, Oestigaard T., N. Anfinset & T. Saetersdal (eds.), 149-60. Oxford: British Archaeological Report.
- Duarte, R.T. 1993. *Northern Mozambique in the Swahili world: an archaeological approach*.

(Studies in African Archaeology 4). Maputo: Eduardo Mondlane University, Stockholm: Central Board of National Antiquities, Uppsala: ociatisArchaeologicaUppsaliensis.

Garlake, P.S. 1976, An investigation of Manekweni, Mozambique. *Azania* 11, 25-48.

Macamo, S. 2006. Privileged Places in South Central Mozambique: The Archaeology of Manyikeni, Niamara, Songo and Degue-Mufa. Tese de Doutoramento. *Studies in Global Archaeology* 4. Uppsala: University of Uppsala.

Morais, J. M. & P. J. J. Sinclair 1980. Manyikeni, a Zimbabwe in southern Mozambique. In: *Proceedings, 8th Panafrikan Congress of Prehistory and Quaternary Studies*, Leakey, R. E. & Ogot, B. A. (eds.), 351-4. Nairobi: International Louis Leakey Memorial Institute for African Prehistory

Oliveira, O.R. 1973. Zimbabwes de Moçambique: Proto-história africana. *Monumenta* 9, 31-64.

Sinclair, P.J.J. 1987, *Space, Time and Social Formation: a territorial approach to the archaeology and anthropology of Zimbabwe and Mozambique c. 0-1700 AD*. (AUN 9). Uppsala: ocietas Archaeologica Upsaliensis.

Wieschhoff, H.A. 1941. The Zimbabwe-Monomotapa culture in south-east Africa. *General Series in Anthropology* 8. Menasha: George Banta Publishing Company.

Changalane: assentamento das comunidades de agricultores e pastores no sul de Moçambique

Hamilton Matsimbe, docente no DAA, de Julho a Setembro de 2011, esteve envolvido numa equipe de pesquisa arqueológica sobre as comunidades de agricultores e pastores na Estação arqueológica de Changalane (26° 32'), localizada na Província de Maputo.

Um grupo de estudantes da África do Sul, da Universidade de Witts, e de estudantes da Inglaterra integrou também os trabalhos, como ilustra a imagem abaixo.

Do trabalho resultou uma vasta colecção de vários fragmentos de cerâmica, ossos de animais (de caça e domésticos), carvão, missangas entre outros objectos evidenciando, segundo análises preliminares, a extensão do espaço ocupado pelos fabricantes da olaria do tipo Matola e a complexidade de actividades desenvolvidas no passado.

A estação também evidencia actividade de domesticação de plantas e animais, cuja dimensão é ainda difícil

de determinar dada a abrangência da área escavada (gruta e campos agrícola-

Rio Changalane. Este facto, ainda que de forma preliminar, sugere-nos uma



Da direita para esquerda: Hamilton Matsimbe, Louis, Frida, Baptista, Iram, Mbilane, Richard e Mathempsa depois de uma jornada de trabalho. Fotografia tirada por Marijaana, Agosto 2011

las da zona alta). Um dado curioso é a presença de artefactos líticos ainda não analisados noutra margem do

ocupação anterior da estação no Paleolítico.

Projecto sobre Pesquisas Arqueológicas entre Moçambique, África do Sul, Botswana e México

Albino Jopela participou, em representação do chefe do DAA, Dr. Alexandre Mate, na cerimónia de lançamento oficial do "Projecto de Colaboração sobre Arte Rupestre entre Moçambique, África do Sul, Botswana e México" que teve lugar no Museu Origins Centre, Universidade de Witwatersrand, na cidade Sul Africana de Joanesburgo, no dia 27 de Outubro de 2011. O evento foi presidido pelo Ministro de Artes e Cultura da República da África do Sul, Sr. Paul Mashatile e teve como convidados de honra o Embaixador do México na República da África do Sul,

Sr. Hector Valezi, o representante do National Museum of Botswana, Dr. Philip Segadika e o representante da Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM) Dr. Eliseu Mabasso. Este projecto de colaboração entre os quatro países constitui uma plataforma de cooperação com vista ao desenvolvimento da pesquisa, conservação e capacitação institucional na área de Arqueologia, mais concretamente em estudos da arte rupestre.

O evento foi igualmente marcado pela inauguração de uma exposição sobre a arte rupestre existente nos



países colaboradores, intitulada "Sharing Our Ancient Rock Art Treasures" ("Compartilhando o Tesouro da Nossa Arte Rupestre Ancestral"). Na secção dedicada a Moçambique estiveram expostos alguns dos sítios de arte rupestre mais emblemáticos do país, como é caso das pinturas rupestres de Chinghamapere, Província de Manica, bem como outros sítios descobertos e documentados aquando das pesquisas arqueológicas realizadas pelo Departamento de Arqueologia e Antropologia em colaboração com a Universidade de Witwatersrand e a Universidade de Bergen, da Noruega, entre os anos de 2002 e 2006, nas Províncias de Tete e Manica.



Exposição Sharing Our Ancient Rock Art Treasures. Exposição apresentada por Albino Jopela, 2011.

PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS: CONGRESSOS, SEMINÁRIOS E PALESTRAS

Seminário sobre Desenvolvimento e Diversidade Cultural em Moçambique: Homogeneidade Global, Diversidade Local

Este seminário contou com a participação de Kátia Filipe, que apresentou a comunicação "Desafios de gestão do património cultural em Moçambique: o caso dos museus da cidade de Maputo". A conferência decorreu entre 17 a 18 de Novembro de 2011.

Conferência Bial da Associação dos Arqueólogos Profissionais da África Austral (Association of Southern African Professional Archaeologists- ASAPA).

Albino Jopela apresentou uma comunicação intitulada "Traditional Custodianship: a useful framework for heritage management in southern Africa?". O evento teve lugar de 1 a 3 de Julho de 2011, na cidade de Mbabane, Reino da Swazilândia.

Albino Jopela participou no "Seminário da UNESCO sobre Paisagens Históricas Urbanas".

O evento, que decorreu na Ilha de Moçambique de 10 a 15 de Julho de 2011, foi organizado pela DNPC e pelo Gabinete de Conservação da Ilha de Moçambique (GACIM) em coordenação com a Secção de África do Centro do Património Mundial da UNESCO, no âmbito do Programa das Cidades do Património Mundial da UNESCO.

O encontro reuniu docentes, investigadores e técnicos representantes do MC, da UEM (Departamento de História e DAA), Universidade do Lúrio (Nampula), Universidade de Minnesota (Estados Unidos da América) e a Universidade Tecnológica de Eindhoven (Holanda). O mesmo teve como principal objectivo apresentar e discutir a aplicabilidade do conceito de paisagem histórica urbana enquanto metodologia de abordagem para a conservação e gestão da Ilha de Moçambique.

Ciclo de Seminários de Arqueologia e Antropologia

Calendário do Ciclo de Seminários Interdisciplinares em Ciências Sociais e Humanas - (2º Semestre 2011)

Data	Orador	Tema	Instituição
31/08	Fernando Manjate	Práticas de herança e sucessão no contexto urbano da cidade de Maputo	DAA/FLCS/UEM
	Ivanna Zeballos	A contemporaneidade da <i>apwiamwene</i> no âmbito do poder tradicional e político em Muecate, Nampula	Universidade de Toronto
21/09	Kátia Filipe	Turismo cultural e Arqueologia: Desafios para Moçambique	DAA/FLCS/UEM
28/09	Carla Braga	Corpos limpos e educados: Disciplina e triagem nos cuidados e tratamento do HIV/SIDA em Manica	DAA/FLCS/UEM
	Hilário Madiquida	Uma estação de transição da Idade da Pedra Superior e das primeiras comunidades agrícolas no Baixo Zambeze, Centro de Moçambique	DAA/FLCS/UEM
26/10	Teresa Cruz e Silva	Zedequias Manganhela: Os problemas metodológicos da escrita de uma biografia	CEA/UEM
05/11	Décio José	A Arqueologia de Cahora Bassa	DAA/FLCS/UEM
09/11	José Teixeira	Breve leitura de "Junod e as sociedades africanas" de Patrick Harries	DAA/FLCS/UEM

Contacto dos organizadores dos seminários:

- Sandra Manuel – sandra.manuel@uem.mz
- Fernando Manjate – fernandomanjate@yahoo.com.be
- Claudina Cossa – claudinacossa@yahoo.com.br

Resumos das apresentações no ciclo de seminários, 2º Semestre 2011

A Arqueologia de Cahora Bassa

Autora: Décio Muianga (DAA/FLCS/UEM)

O Vale do Zambeze onde está actualmente localizada a região de Cahora Bassa tem um vasto passado pré-histórico e histórico. Em termos de pesquisa arqueológica da Idade da Pedra Superior, até muito recentemente pouco trabalho foi efectuado no ponto de divisão e contacto entre dois grupos de caçadores e recolectores (Batwa

norte e San sul da África Central) representado pelo Zambeze a sul da África Central. Consequentemente pouca informação existia sobre a arte rupestre e Idade da Pedra Superior em Cahora Bassa. Esta contribuição pode assim providenciar melhor conhecimento dos primeiros habitantes da região e compreender como a barreira física

(Zambeze) afecta ou não a cultura material de Cahora Bassa. Assim, sugere-se a necessidade de conduzir mais pesquisas arqueológicas na região centro do país, numa nova direcção, e estabelecer a natureza e extensão da variabilidade da cultura material da Idade da Pedra Superior em Moçambique.

Resumos das apresentações no ciclo de seminários, 2º Semestre 2011

Turismo cultural e Arqueologia: Desafios para Moçambique

Autora: Kátia Filipe (DAA/FLCS/UEM)

A necessidade de se preservar algo com algum tipo de significado, individual e ou colectivo, é e sempre foi prática comum entre os Homens. Este feito pode ser alcançado sob a forma de testemunhos orais ou materiais, guardados em casa ou em locais mais apropriados como os museus. Outros testemunhos, mais remotos, têm na Arqueologia a alavanca para se darem

a conhecer e assim serem valorizados e preservados, tanto para as gerações presentes como para as vindouras. Assim sendo, o turismo cultural, pode ser visto como a voz desta busca pela História, ao mostrar ao mundo o que se fez, faz e ainda pode ser feito para valorizar um passado que inspira o presente. Deste modo, nesta comunicação, propomo-nos trazer uma

discussão sobre os desafios lançados e a serem lançados para uma gestão do património cultural que combina a pesquisa arqueológica com o turismo cultural. Não se trata de uma receita mas sim de um ponto de partida para uma reflexão sobre como impulsionar um maior reconhecimento pela Arqueologia e tudo, ou quase tudo que a ela diz respeito.

Zedequias Manganhelas: os problemas metodológicos da escrita de uma biografia

Autora: Teresa Cruz e Silva (CEA/UEM)

Zedequias Manganhela nasceu numa pequena povoação na região de Matutuine em 1912. Originário de uma modesta família de camponeses, ainda muito jovem perdeu o seu pai. Pela mão de seu tio entrou na escola, e no contacto com os missionários suíços converteu-se ao cristianismo.

Fez o curso de professores indígenas de Alvor (1934-37) e cursou o Pastorado (1945-47). Tendo trabalhado em várias localidades do Sul de Moçambique ocupou na então Missão Suíça posições de liderança, onde se destaca o lugar de Presidente do Conselho Sinodal da Igreja Presbiteriana de Moçambique (Missão Suíça), lugar que ocupou até ao momento da sua prisão pela PIDE, em Lourenço Marques. Em Dezembro de 1972 faleceu na cadeia da PIDE, havendo fortes indicações de assassinato, aparentemente pela sua ligação com a FRELIMO.

Pouco se escreveu sobre a sua vida, embora se possa testemunhar o reconhecimento da sua obra através de

várias escolas e ruas existentes no país, que ostentam o seu nome.

Escrever uma biografia é preparar-se para um encontro que merece a nossa mais profunda atenção e exige um certo grau de paixão. Quando aceitei escrever a biografia de Manganhela, preparei-me para este encontro, ou talvez um reencontro, mais longo e sinuoso que o anterior, já que há muitos anos, quando fiz os meus primeiros estudos sobre a Missão Suíça e o desenvolvimento do movimento nacionalista em Moçambique, Zedequias Manganhela se afigurava já como uma figura incontornável na compreensão do papel social da religião e particularmente das Igrejas Protestantes, para um despertar da consciência política. Sobre ele escrevi, nessa altura, apenas um pequeno artigo e algumas páginas de um capítulo que pretendia tratar as relações entre o Estado e a Igreja em Moçambique durante o período colonial.

Ao visitar o percurso histórico de

Manganhela e no aprofundamento que tenho vindo a fazer da sua vida, tenho que defrontar um passado cujos vestígios me levantam várias questões de ordem metodológica. E para tomar de empréstimo as teses de Georges Duby, nos seus "Diálogos sobre a Nova História", deparo-me com um história construída sobre farrapos da memória, onde os vestígios com os quais trabalho, para além de não serem uniformemente repartidos, não foram inocentemente preservados e/ou esquecidos.

Pretendo assim com esta apresentação, trazer para debate alguns problemas de carácter metodológico que a reconstrução de uma biografia onde por um lado é necessário lidar com o recurso a uma documentação indirecta, por outro lado, também é preciso tratar com a forma como a história se escreve e reescreve em contextos diferentes, e onde a memória e a história se aproximam e se afastam, abrindo espaços para construir mitologias.

Resumos das apresentações no ciclo de seminários, 2° Semestre 2011

Corpos limpos e Educados: Disciplina e Triagem nos cuidados e tratamento do HIV/SIDA em Manica

Autora: Carla Braga (DAA/FLCS/UEM)

A racionalização de um recurso escasso como o tratamento anti-retroviral implica um processo de triagem que envolve práticas institucionais e critérios tanto clínicos como sociais. Como formação histórica que é, a prática da biomedicina em Moçambique é trespassada por relações socioeconómicas e de poder, que afectam a categorização dos pacientes com HIV/SIDA, entre os que devem viver e aqueles que poderão eventualmente morrer. Propõe-se que, para além de outros factores, o acesso ao tratamento anti-retroviral é também influenciado pela valorização de uma concepção singular da modernidade que, por sua vez, é associada à urbanidade, à higiene pessoal, e à "educação" e conhecimento da língua portuguesa.

A pesquisa sobre a "Importância ac-

Lumbi: uma estação de transição da Idade da Pedra Superior e das primeiras comunidades agrícolas no Baixo Zambeze Centro de Moçambique

Autora: Hilário Madiquida (DAA/FLCS/UEM)

O Baixo Zambeze é uma zona constituída por vastas planícies, que em alguns locais chegam a atingir dezenas ou mesmo centenas de km o que leva à diminuição da força das águas formando extensos pântanos cobertos por mangais com numerosos afluentes que desaguam no mar.

A zona é bastante rica para a agricultura e recursos hídricos devido à contínua deposição de substâncias orgânicas (planícies de aluviões) transportadas pelas águas. Contudo, foi dada pouca atenção a esta área em termos de pesquisas arqueológicas,

devido aos factores ecológicos acima mencionados e ao conhecimento adquirido que perspectiva que as sociedades pré-históricas evitavam instalar-se nas planícies de aluviões devido os riscos de inundações e doenças.

As pesquisas realizadas pela nossa equipa localizaram, num terraço quaternário um pouco elevado, a riquíssima estação arqueológica de Lumbi, com evidências da Idade da Pedra Superior e as Primeiras Comunidades Agrícolas, a primeira do género em todo baixo Zambeze.

A contemporaneidade da apwiamwene no âmbito do poder tradicional e político em Muecate, Nampula

Autora: Ivanna Zeballos (Universidade de Toronto)

cional e político no Distrito de Muecate", traz à mesa uma série de factos

históricos e percepções locais sobre a essência da matrilinearidade na etnia Macua e as suas relações de poder intrínseco na sua sociedade. Analisa a realidade que disfarça a cifra do "pelo menos 30% de participação feminina" exigida pela LOLE (Lei dos Órgãos Locais do Estado), tendo em conta a especificidade macua.

Apresenta a importância da existência de *Apwiyamwene* no âmbito local no passado e presente e sugere, nas suas conclusões e recomendações, alguns passos a seguir para revitalizar a essência da *Apwiyamwene* e o seu reconhecimento, por parte do Estado, do seu verdadeiro papel na cultura e sociedade macua.



Entrevista com "Solange Macamo" - Docente no DAA/FLCS

Um país que não dá valor à Arqueologia, ao seu passado, é como um indivíduo sem memória

Por: Kátia Filipe & Lizete Manguelze

O percurso académico e profissional de Solange Laura Macamo, sobretudo pelo seu empenho em questões de Arqueologia, Museus e Monumentos e do Património Cultural, como um todo, desperta um enorme interesse em saber mais sobre esta mulher à quem a Arqueologia deve muito.

Começemos com a pergunta de praxe, quem é Solange Macamo?

Cresci em Xai-Xai e sou muito apaixonada pela Arqueologia. No início não entendia muito o que era Arqueologia, mas devido à influência do meu Professor Anatoli Dimitrovicz na então União Soviética, comecei a cultivar o interesse pela Arqueologia. Um dia ele virou-se para mim e disse: "o conhecimento sobre o passado do vosso país depende muito da vossa dedicação ao estudo da arqueologia". Ele acrescentou que: "Sem arqueologia dificilmente poderão reconstituir o vosso passado histórico, dado que as fontes escritas são praticamente inexistentes sobre esse período longínquo". Então, eu interiorizei muito essa afirmação.

O outro desafio que o Professor me colocou naquela altura, foi o de tomar conta do património porque não seria concebível trazer os objectos à luz do dia e não saber o que fazer deles, como se diz enquanto os objectos estão lá estão muito bem, podem permanecer vários anos conservados, mas a partir do momento em que os trazemos à luz do dia temos que tomar conta deles. Foi graças ao meu Professor que comecei a aprender a importância da preservação e valorização do património cultural. Daí, comecei, igualmente, a construir o meu pensamento e a noção do património cultural nos finais da década dos anos 80.

O Professor Anatoli foi muito importante para mim na formação académica e na minha orientação profissional e também no interesse pela Arqueologia Africana. Não nos esqueçamos que foi num período de transição em que nós vínhamos da escola colonial em que todo interesse era dado àquilo que é a história de Portugal, tudo o que era cultura de Portugal e ocidental; eram os valores que nos tinham inculcado desde pequeninhos. O contacto com a União Soviética foi muito importante para perceber a dimensão das coisas do outro mundo e explorar melhor as coisas do meu passado a partir de mim própria e a minha inserção no continente africano como académica e no meu país sobretudo, e o contributo que posso dar ao meu país.

O contacto que tive com o Professor Anatoli foi muito estimulante para a minha socialização, em Moçambique, porque uma coisa era a mobilização que todos nós já tínhamos, sem dúvida nenhuma, acerca dos novos ideais que nos foram transmitidos pela FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique). Tudo isso também foi muito bom mas outra coisa é saber já no concreto, na vida prática de que forma iria traduzir os tais ideais de "Homem novo" para a partir da experiência académica dar o meu contributo.

O que é que prendeu mais a sua atenção dos ensinamentos do Professor Anatoli?



Primeiro ele próprio gostava muito de arqueologia. Quando uma pessoa gosta da sua profissão não esconde e é fácil transmitir aos outros esse sentimento, e foi, exactamente, o que aconteceu. O Professor Anatoli tinha uma grande paixão pela Arqueologia. Ele contou-nos a história dele e disse que o pai o dizia: "eu não compreendo porque é que em vez de cultivar batatas estas aí a escavar pedras" para nos mostrar que provavelmente a batata assim como a pedra podem ter o mesmo valor, cada um vai ter o seu papel, a batata, naturalmente, para satisfazer a fome e a pedra para satisfazer outra a necessidade que é: compreenderemos o nosso passado mais profundo que não é possível alcançar com documentos escritos.

Então isso para mim foi muito importante e o Professor repetia sempre que a Arqueologia é muito importante em África porque os documentos escritos do nosso período mais remoto são muito escassos e sobre grande parte do nosso passado só podemos ouvir dizer dos outros ou então de fontes muito fragmentadas, muito dispersas. Ele nos chamava à atenção para o facto de ser uma grande responsabilidade de nossa o nosso passado.

Quando saímos daqui para irmos estudar na Rússia éramos um grupo de 11 estudantes, com várias especialidades para cada um. Nessa altura colocava-se o desafio à Paula Meneses e à mim, de estudarmos História, para que, quando regressássemos contribuíssemos no ensino da história. Tínhamos, então, uma tarefa muito clara, desenhada pelo departamento de História da UEM, nesse sentido.

Logo após a Independência, colocava-se a necessidade de rever os programas do curso de História porque não correspondiam aos ideais nobres da Luta de Libertação Nacional e do Patriotismo; os currículos ainda estavam virados para os interesses da antiga metrópole, Portugal. Toda a visão era colonizadora e o Presidente Samora Machel, muito cedo, tinha constatado que era um perigo manter os antigos manuais e a maneira antiga de ensinar a História assim como as outras ciências sociais, e que, para tal, o ideal naquela altura em que o marxismo se desenvolvia, era a União Soviética. Outros foram para a antiga RDA ou para a Checoslováquia, como foi o caso do Arlindo Chilundo. Fomos espalhados pela Europa do leste, como opção, por ter a ideologia que se considerava ser a ideal para Moçambique.

Só que não fomos pela linha da História, como o planeado, mas acabamos por fazer Arqueologia porque

“...o continente africano contribuiu imenso para a civilização...”

lá acabamos percebendo que, talvez, a nossa contribuição seria maior ainda se ajudássemos o país a reconstituir o passado, no sentido de nós próprios fazermos o passado, a Pré-história. São esses valores que consegui aprender na União Soviética.

Na União Soviética, participei nas escavações arqueológicas. Anualmente, durante o verão, ficávamos um mês no campo a fazer escavações. Isso foi bom e estimulante para mim porque sendo jovem, o meu primeiro contacto com os achados foi impressionante e divertido, foram momentos muito bons partilhados com colegas russos e de vários pontos do mundo. Aprendi a viver em tendas e a fazer o diário das escavações, entre outras tarefas relacionadas com as escavações arqueológicas.

Na convivência com os outros estudantes havia um grande grupo de africanos que tinham os mesmos ideais que o dos moçambicanos: angolanos, cabo-verdianos e guineenses, situação que me ajudou a criar em mim o sentido de pertença aos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). Havia também estudantes do Congo e do Mali, com quem nós convivíamos e que tinham a mesma preocupação de estudar Arqueologia para resgatar o passado dos respectivos países. Havia um interesse enorme de investigar o passado do continente africano, para complementar o seu conhecimento ou aprofundar o que não estava muito bem explicado.

Como o Professor Paul Sinclair acabou me ensinando, houve grandes avanços no estudo da Arqueologia Africana, nomeadamente, naquilo



que se refere à evolução humana, com o contributo de vários arqueólogos vindos da Europa que deram o seu máximo para nós conhecermos com profundidade as origens do homem e o passado mais recente à volta do Grande Zimbabué. Estes resultados mostraram que afinal o continente africano contribuiu imenso para a civilização. Havia mestres africanos que fizeram obras sensacionais como os *Madzimbabue*. Contudo, conforme tem enfatizado o Professor Paul Sinclair, é, igualmente, necessário reescrever esse passado, pelos próprios africanos, sem, contudo, desprezar o contributo dos outros.

É neste contexto, que se insere o projecto sobre “Origens Urbanas”, no qual a dra. Kátia Filipe, assistente do DAA-UEM, teve oportunidade de participar. Este projecto tinha a missão de revelar as grandes civilizações do continente: com incidência nas questões ligadas ao urbanismo, origem do comércio e dos primeiros Estados em África. É um projecto que, de certa maneira, foi muito importante para a região da África Austral e Oriental e, em particular, Moçambique.

Nós, por exemplo, conseguimos valorizar o nosso passado através de Manyikeni comprovando o seu valor para testar teorias sobre a diferenciação social. Manyikeni também é um exemplo da origem da formação dos

estados em África, e Chibuene é outra estação que complementa o valor de Manyikeni. É a partir de Chibuene que nós temos, pela primeira vez, a ligação conhecida mais antiga com o mundo, através de trocas comerciais, durante a primeira metade do primeiro milénio, particularmente, a nível da região sul de Moçambique. Isso, então, mostra de facto a importância de conhecermos a Arqueologia.

Fruto da chamada Geração 8 de Março, como é que se dá a sua entrada no Departamento de Arqueologia e Antropologia?

Lembro-me que foi numa altura em que havia carência de professores, e como na ex URSS tinha sido formada para também ser professora, além de investigadora, a integração aqui já foi mais fácil. O nosso curso era de História, e como desde cedo já se deveria escolher a área de especialização, a eleita foi a Arqueologia, muito por estímulo do Professor Anatoli, tal como já me referi antes. Para além das escavações, anualmente, tínhamos que elaborar trabalhos de curso. O tema sobre o qual gravitavam os meus trabalhos era sempre Arqueologia. Pode-se dizer que era uma experiência única, importante, na qual o estudante frequentando um curso geral, como o de História, no meu caso, simultaneamente se especializava naquela que deveria ser a sua saída profissional. Era um ensino profissionalizante. Esta experiência tornou-se bastante vantajosa porque também recebi noções de como leccionar, o que no meu regresso ao país foi e continua a ser deveras útil.

Como não podíamos estar todos aqui na UEM, comecei por trabalhar no Departamento de História, da Universidade Pedagógica, onde leccionei História da Antiguidade. Havia uma certa relação com a Arqueologia, na medida em que em ambas há um recurso às fontes arqueológicas. A

história da Antiguidade Clássica, da Mesopotâmia, do Mundo Oriental, só aprofundava ainda mais o meu gosto pela Arqueologia.

Em 1990, a convite do Dr. Arlindo Chilundo vim para a UEM leccionar a disciplina da História da Antiguidade, a nível do Departamento de História. Logo de seguida recebi outro convite da Dra. Paula Meneses, que ficara na UEM, solicitando-me para garantir a continuidade das aulas, no DAA, dado que havia professores em formação. Foi ainda no contexto da necessidade de incremento / aumento do corpo docente da UEM, que eu vim parar no DAA até hoje. Este convite foi formulado ao Ministério da Cultura, onde me encontrava afecta, o que fez com que a partir dali eu leccionasse em regime parcial. Como arqueóloga, já me sentia no lugar certo, ideal, *um peixe na água*. Esta ligação entre o Ministério da Cultura e a Universidade revelou-se muito útil para o meu crescimento profissional e como académica.

Devo dizer que a minha integração no DAA, abriu-me portas para a possibilidade de formação no exterior, na qualidade de uma das beneficiárias dos Projectos da SIDA (Swedish International Development Agency)/SAREC, com quem o DAA já tinha uma forte ligação institucional e de cooperação. Em 2003, a convite do Professor Catedrático, Armindo Ngunga, então Director da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, passei a fazer parte do quadro da UEM. Como docente a tempo inteiro na UEM, tive a oportunidade de dar a minha contribuição para o ingresso de mais arqueólogos no DAA de que a UEM precisava. A conclusão do meu Doutoramento em 2005, e a consequente publicação da minha tese, em 2006, sob a forma de livro, reafirmam o reconhecimento da importância dos projectos SIDA/SAREC para a formação e progresso científico de muitos docentes moçambicanos, arqueólogos e outros investigadores.

Como teve conhecimento da demanda do 8 de Março?

O 8 de Março foi uma surpresa para muitos de nós. Imagine-se uma situação de se estar a estudar e de repente ser-se chamado para trabalhar, com o claro propósito de servir a Pátria. Ir-se ao encontro de um mundo novo, totalmente desconhecido, muito jovem e sem experiência. No início, Foi um choque, um momento específico num contexto também específico, porque muitos técnicos portugueses tinham abandonado os postos de trabalho e regressado para Portugal. Alguém tinha que os substituir. Fazendo o balanço, trouxe muita coisa boa a nível pessoal, profissional e até social, para muitos de nós. Durante o tempo que trabalhei aprendi a conviver com aqueles que tinham combatido durante a Luta de Libertação Nacional e aprendi coisas novas e a ganhar mais consciência sobre o dever de servir o país, em primeiro lugar.

Portanto, o 8 de Março foi algo inesperado mas nós, visados, acabamos por perceber a importância de darmos esse grande passo patriótico, ainda que nos questionássemos porque não poderíamos seguir os nossos sonhos, como qualquer outro jovem. Jovens com sonhos abandonados e a ter que cedo começar a trabalhar, assim nos podemos caracterizar. Entretanto, o trabalho foi interrompido, para que antes pudesse dar continuidade aos estudos, como tarefa a cumprir, com vista a melhor servir o país, primeiramente, a nível dos cursos propedêuticos da UEM e de seguida no exterior, na URSS.

Contudo, a consciência de estarmos a trabalhar para um bem comum, de toda uma nação e não apenas pessoal, era cada vez mais notória e assumida por cada um de nós e isso ficou até hoje.

Das Línguas para Economia, da Economia para a História e Arqueo-

logia. É um grande percurso.

O meu pai idealizava que eu deveria fazer Línguas Germânicas, pois naquela altura se achava ser o curso ideal para raparigas e para os rapazes, os cursos da área de ciências. Contudo, chegada ao Liceu 5 de Outubro, procurei algo que fosse mais desafiante para mim porque, confesso que estar a estudar línguas não me deixava realizada. A minha vontade era fazer Economia pois, em Xai-Xai, de onde vinha, frequentei a Escola Comercial. Tive que me submeter a uma série de provas para poder mudar do ramo de Línguas para a Economia. Da Economia, na ex-URSS fui fazer História com especialização em Arqueologia. Foi percurso interessante. Percorri um caminho que culmina na Arqueologia, uma ciência que me apraz muito. É um percurso que definiu a minha vida social e profissional e do qual aprendi muita coisa que ainda hoje aplico e tento passar aos meus estudantes.

O leque de cursos disponíveis na altura na ex URSS, nomeadamente História, Física, Matemática, Biologia, entre outros, foi um dos aspectos decisivos para este meu percurso académico. Uma amiga, na altura professora na UEM, a Maria Gouveia Homem, falou-me das vantagens de se fazer História. Acima de tudo, dizia ela, porque tudo “à nossa volta tem uma história para contar, tal como nós mesmos.

Com História, continuava ela, tem-se a possibilidade de se sentir cientificamente integrado e capacitado para analisar qualquer fenómeno”. Ela definia-o como um curso que abre portas e oportunidades de emprego em vários sectores, desde Educação, Documentação, etc. O tal *clic* que me conduziria à opção por História, deu-se quando me apercebi que quem faz História pode ainda, por exemplo estudar algo sobre Línguas, sem ter que necessariamente frequentar o Curso de Línguas.

Como é fazer Arqueologia em Moçambique?

Fazer Arqueologia em Moçambique é um desafio porque é uma ciência que exige muitos recursos e em Moçambique, faz-se Arqueologia através de projectos, à semelhança do que acontece em quase todo o mundo. Os governos dificilmente conseguem financiamento, a partir do seu orçamento, para expedições arqueológicas. Fazer Arqueologia é uma actividade cara por envolver trabalho de equipa, diverso tipo de equipamento e sempre quanto mais actualizado melhor, transporte adequado, entre outros recursos materiais muito dispendiosos e meios de trabalho cada vez mais sofisticados. É uma actividade necessariamente dispendiosa mas bastante prazerosa.

Penso que uma das saídas para se fazer Arqueologia em Moçambique, é a Arqueologia de Salvaguarda, que tem sido a mais comum hoje em dia. É um tipo de Arqueologia que é feita no decurso de obras de grande vulto, que impliquem remoção de terra, o que pode significar trazer à luz do dia objectos de interesse arqueológico, os artefactos. Por exemplo, o Projecto do Corredor de Nacala, o Projecto Vale, tem pautado por esta prática e trabalhado em coordenação com o DAA. Eu já participei em projectos de Arqueologia de Salvaguarda, no Vale do Incomáti. Portanto, através de projectos desta natureza, pode-se inserir dotações orçamentais para se poder fazer Arqueologia em Moçambique.

Que soluções podemos encontrar para os jovens estudantes de Arqueologia?

Acredito que uma das saídas possa ser a já mencionada Arqueologia de Salvaguarda. O Decreto 27/94 de 20 de Julho, prevê que todos os projectos que impliquem remoção de terra, considerem a possibilidade de realização da Arqueologia de Salvaguarda.

Enquanto os objectos estiverem debaixo da terra, estão muito bem, estarão protegidos, podendo ficar lá por muito mais tempo, cem anos ou mais. Contudo, a partir do momento em que são trazidos à luz do dia, carecem de cuidados específicos, quer de remoção, identificação e registo, conservação e até depósito. Nesse sentido há a possibilidade de se fazerem escavações e ao mesmo tempo a conservação dos objectos arqueológicos, circunstância que poderá ajudar no processo de formação da nova geração de arqueólogos moçambicanos.

“o passado é o guia do futuro”

O ano de 2011 ficou marcado pela abertura do Primeiro Curso de Arqueologia em Moçambique. Qual o significado disso para si, sobretudo como arqueólogo?

O Curso de Arqueologia em Moçambique já estava a demorar e penso que nós, de certa maneira, já vínhamos fazendo Arqueologia de forma *ad-hoc*. Íamos dotando estudantes e técnicos para responder a necessidades pontuais e mesmo assim, sem podermos dar cobertura às necessidades de todo o país. O ensino e propagação da importância da Arqueologia devem ser uma constante. Como disse um estudante e repito, “o passado é o guia do futuro” e se nós não damos a devida importância à Arqueologia, teremos menos chances de conseguirmos um futuro bem encaminhado e ainda corremos o risco de não ter memória, que é o que acontece com quem não conhece e não preserva o seu passado. Sem pesquisa contínua da Arqueologia, corremos, igualmente, o risco de estarmos a cometer os mesmos erros do passado, ou a repetir as mesmas teorias, algumas delas descontextualizadas ou mesmo ultrapassadas. Não podemos a inovar.

Para mim, um país que não dá valor à Arqueologia, ao seu passado, é como um indivíduo sem memória, é como despertar diariamente e não se lembrar do que terá feito no dia anterior e ter que fazer tudo novamente. Portanto, sem Arqueologia não há progresso, não há desenvolvimento.

Em África tal como noutras partes do Mundo, há ainda muita coisa, de um passado recente ou não, por ser resgatada e aplicada no nosso quotidiano. Inspirarmo-nos no passado é uma boa forma de ganharmos fôlego para vivermos um presente e desenhar um futuro mais úteis e benéficos.

Nesse sentido, a abertura do Museu de Arqueologia vai ser uma mais-valia?

Naturalmente! Porque o Curso de Arqueologia não pode acabar na sala de aulas, no campo com a descoberta de mais evidências arqueológicas. É preciso que se garanta a preservação contínua do passado, que nos surge sob a forma de objectos. Os objectos a serem expostos no Museu, devem ser uma fonte de contínuo ensinamento, enquanto testemunhos materiais da história que se pretende preservar. O Museu será benéfico como meio visual de ensino para o Curso de Arqueologia. Os estudantes vão poder visualizar no museu, o que se discute na sala de aulas.

Portanto, é de louvar a iniciativa combinada do início do Curso de Arqueologia e a abertura do Museu de Arqueologia.

Nas suas palavras sentimos a paixão e emoção quando fala de museus. Como nasceu essa paixão?

É uma paixão mesmo! Despertei para o interesse em Museologia, ainda durante a minha formação na ex URSS, quando os professores lembravam-nos sempre que não seria possível preservarmos o passado, fazermos

Arqueologia, sem a relacionarmos com Museologia. Por isso desde cedo aliei a Arqueologia à Museologia, por uma questão estratégica. Primeiro, pensando na eventualidade de uma dificuldade em trabalhar em Arqueologia em Moçambique, restar-me-ia a Museologia. Mas, sobretudo, porque acredito que se fazemos uma pesquisa e ela não é divulgada, estamos a guardar aquele conhecimento adquirido só para nós, o que a priori tem pouco de profissional. É preciso disseminar os resultados da pesquisa e os museus podem ser um excelente veículo para tal. Segundo, esta combinação é frequente e muitos arqueólogos, por exemplo, em África, já trabalharam ou trabalham em museus ou em centros de interpretação, sobre a gestão do Património Cultural.

“Essa cultura de visitar museus tem que ser criada, institucionalizada e partilhada”

Professora Solange, gostaria de comentar sobre o que se diz no senso comum, que o moçambicano não tem cultura de visitar museus?

A cultura de visitar museus talvez seja um problema de todos, porque a responsabilidade existe há vários níveis. Falando como Directora Nacional do Património Cultural, posso dizer que houve um grande avanço com a Aprovação, em 2010, da Política Nacional de Museus, que é o assumir, ao mais alto nível do nosso Governo, da importância que os museus desempenham para a Sociedade. Foi um sinal positivo porque a partir daí abriram-se muitas portas para o desenvolvimento da actividade museológica em Moçambique.

O convite que recebi do Departamento de História da UEM, na pessoa da Prof. Benigna Zimba, de

criar e leccionar uma cadeira que fizesse referência à Museologia (Cadeira de Património Histórico Artístico e Museológico), foi também uma mais-valia para a difusão da importância e significado dos museus no meio académico.

Muita coisa foi debatida durante as aulas e veja-se só, até usada por mim a nível institucional e profissional. Muitos problemas levantados pelos estudantes mostraram-se legítimos e contribuíram para impulsionar a actividade museológica a nível nacional.

Ao longo dos anos em que leccionei a cadeira, era gratificante perceber a receptividade e a sensibilidade com que os estudantes tratavam questões relativas aos museus e seu funcionamento. Há um exemplo que nunca mais me esqueci. Era em relação ao prazo ou tempo que deve durar uma exposição, pois em muitos museus nacionais, ela tem durado muito mais do que os oito (8) anos previstos para a chamada exposição permanente, ao que os estudantes começaram a apelar tais exposições de vitalícias.

Foi um conceito que levei para discussão com profissionais da área, o que contribuiu para revitalizar algumas exposições e chamar a atenção dos gestores dos museus para a necessidade de se imprimir maior e melhor dinâmica no funcionamento dos museus. Portanto, essa “cultura de visitar museus” tem que ser criada, institucionalizada e partilhada, evitando-se generalizações.

Dra. Solange, haverá algo que queira dizer para finalizar esta nossa conversa?

Reitero, apenas o meu apelo para um maior e melhor reconhecimento da importância da Arqueologia e Museologia em Moçambique, como forma de garantir que a nossa História não seja esquecida, mas reinterpretada continuamente. Muito obrigada!



Ciclo de
Seminários
Interdisciplinares
do DAA, 2°
Semestre 2011

Simpósio de
Antropologia

Visual

Palestra sobre

Henri Junod





Programa **Desafi**

Programa de Desenvolvimento em Saúde Reprodutiva,
HIV/SIDA e Assuntos de Família através da Investigação
Multidisciplinar Inter-universitária

- Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique
- Universidades Flamengas, Bélgica



Tema Central: “Saúde Reprodutiva e HIV/SIDA”

Cinco Projectos com Temas Específicos

